



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 29/03/19

GLOBAL	2
FAO: mercado mundial de carnes bovinas en 2018	2
BRASIL	3
Demanda lenta, precios estables pero firmes	3
Mayor faena de machos en 2018	3
Misión de ESTADOS UNIDOS – llegará el próximo 10 de junio.....	3
Oposición al ingreso de carnes brasileñas a EE.UU.....	4
Coordinan fecha de vacunación contra la aftosa	5
Ministra dispone un comité para analizar el autocontrol en plantas.....	5
URUGUAY	6
Precio del novillo gordo se mantiene estable en US\$ 3,40 en promedio.....	6
Uruguay exportó menos carne cuota 481 en los primeros trimestres del año	6
INAC define estrategia para el posicionamiento de la carne en Japón	6
Egipto suspendió importación de ganado en pie y Kazajistán las habilitó.....	7
Ministro Benech defiende cómo trabaja y respeta Uruguay el bienestar Animal.....	7
Carne vacuna enfrenta un auspicioso futuro.....	7
UNION EUROPEA	8
El primer recorte para la cuota 481 sería a 27 mil toneladas.....	8
BREXIT: Preparación ante un No Deal	9
ESTADOS UNIDOS	11
Filipinas: Mercado para cortes baratos y menudencia.....	11
Impacto sobre el Mercado de un invierno frío y húmedo	12
VARIOS	12
CANADÁ importará un 2% más de carne vacuna en 2019, según el USDA.....	12
CHINA impacto en el mercado por los focos de Fiebre Porcina	12
CHINA recibió el primer cargamento de carne bovina procedente de NAMIBIA	13
EMPRESARIAS	14
JBS logro un récord em su producción de hamburguesas	14



GLOBAL

FAO: mercado mundial de carnes bovinas en 2018

27/03/19 - por Equipe BeefPoint A produção global de carne em 2018 foi estimada em 336,4 milhões de toneladas, 1,2% acima de 2017, principalmente originada nos Estados Unidos, União Europeia e Federação Russa, mas parcialmente compensada por um declínio na China e estagnação no Brasil, dois dos maiores produtores de carne do mundo.

Os volumes de produção de carne expandiram-se em todas as principais regiões do mundo, especialmente na Europa e na América do Norte, principalmente devido a melhorias de produtividade, à medida que os países introduziram boas práticas de gestão, processos de produção simplificados e novas tecnologias.

Além disso, as secas em algumas partes do mundo, incluindo nos Estados Unidos no primeiro semestre do ano, na União Europeia durante os meses de verão, e na Austrália durante quase todo o ano, levaram a um maior abate de animais.

Entre os subsetores de carnes, a produção de carne bovina (carne de mamíferos ruminantes, incluindo vacas, bois e búfalos) registrou a maior expansão (+2,1%), seguida da carne de frango (+1,3%), mas as produções permaneceram estáveis para carne ovina (carne de ovino e caprino) (+0,6%) e carne suína (+0,6%).

As exportações mundiais de carnes em 2018 foram estimadas em 33,8 milhões de toneladas, 2,9% a mais que em 2017, impulsionadas principalmente pelo aumento dos embarques dos Estados Unidos, Austrália, Argentina e União Europeia, mas recuaram na Índia, China e Brasil.

A China, maior importador de carne do mundo, aumentou significativamente suas compras, uma vez que a demanda do consumidor por carne continuou a aumentar em meio a uma contração na produção de carne suína, em parte devido ao início da peste suína africana.

Em outros lugares, as importações aumentaram na República da Coreia e no Vietnã, enquanto a Federação Russa, a Arábia Saudita e os Estados Unidos reduziram as importações. Em todas as categorias de carne, as exportações mundiais de carnes expandiram-se a taxas mais rápidas para ovinos (+9,4%) e bovinos (+6,1%) do que para carne suína (+1,6%) e aves (+1,0%).

O valor médio anual dos preços mundiais de carne em 2018, medido pelo FAO Meat Price Index, foi 2,2 por cento menor que 2017, refletindo a queda nos preços de suínos (-8,1 por cento) e de aves (-4,8 por cento) e estabilidade preços de carne bovina (+0,2 por cento). Os preços de carne ovina aumentaram em até 17%, mas não afetaram significativamente o valor médio do índice por causa de seu baixo peso no índice.

A propagação da Peste Suína Africana (ASF) e as restrições de importação associadas pesaram sobre as cotações internacionais de preço da carne suína, enquanto a demanda de importação de aves geralmente fraca fez com que seus preços se enfraquecessem.

Ofertas abundantes de exportação e demanda robusta de todo o mundo caracterizaram o mercado global de carne bovina, mantendo seus preços estáveis. A força dos preços da carne ovina durante todo o ano foi resultado de uma forte demanda de importação, combinada com a oferta limitada da Oceania.

Carne bovina

A produção mundial de carne bovina subiu para 71,1 milhões de toneladas em 2018, 2,1% a mais que em 2017, originada principalmente em cinco países: Brasil, Estados Unidos, Argentina, União Europeia e Austrália. A produção também aumentou na Austrália, China, México, Canadá e África do Sul, mas diminuíram na Turquia e no Uruguai.

A produção brasileira de carne bovina aumentou 4,0% em 2018, para 9,9 milhões de toneladas. Essa expansão foi impulsionada principalmente pelo maior abate de animais, principalmente novilhas, e um aumento na demanda de importação, induzida por preços competitivos oferecidos nos mercados internacionais. Durante o ano, alguns processadores de carne começaram a transferir as plantas de processamento para regiões de criação de gado para reduzir os custos de processamento e transporte, além de melhorar a eficiência alimentar.

Nos Estados Unidos, a produção de carne bovina se expandiu principalmente devido ao aumento do peso de novilhos e novilhas, mas também devido aos níveis elevados de abate, induzidos por condições climáticas mais secas em algumas partes do país, ajudando o setor a manter o ritmo de crescimento de um terço por ano.

A produção de carne bovina da Argentina aumentou para pouco mais de 3 milhões de toneladas, 7,3% a mais que em 2017, mantendo a mesma taxa de crescimento que no ano anterior. A consistência em sua expansão de produção reflete a estabilidade da indústria e a continuidade da demanda de importação, apoiada por uma nova política do governo que restringiu o abate de gado mais leve.

Na União Europeia, o aumento do abate, induzido pela seca que afetou partes da Europa nos meses de verão, esteve em grande parte por trás da expansão da produção.



Na Austrália, estima-se que a produção de carne tenha aumentado em 7,3%, para 2,3 milhões de toneladas, registrando um forte crescimento em 2018. Condições climáticas mais secas forçaram fazendas a usar mais alimentos, levando a taxas elevadas de abate ao longo do ano. O dólar australiano mais fraco contra o dólar dos Estados Unidos deu um impulso à demanda de importação.

O apoio adicional também veio da demanda de importação de países onde a propagação de peste suína africana era um problema, já que os consumidores pareciam ter substituído mais carne bovina por carne suína. Em outros lugares, a produção de carne bovina permaneceu praticamente estável, incluindo China, Índia e Federação Russa.

Na China, enquanto a postura política do governo nos últimos anos tem sido promover fazendas de grande escala e realocar fazendas para identificar áreas para minimizar seu impacto sobre o meio ambiente, os pequenos proprietários continuaram a se retirar do setor devido ao aumento dos custos, incluindo custos para cumprir estrita regulamentos ambientais.

Na Índia, o crescimento da produção parece ter diminuído, após a introdução de leis que restringem o abate de vacas, efetivo em 23 dos 29 estados, e dificuldades no transporte de animais.

Na Federação Russa, a produção de carne bovina permaneceu praticamente estável, com um aumento limitado na demanda doméstica. Os altos preços da carne enfraqueceram a demanda doméstica, o que, por sua vez, levou as grandes fazendas a limitar as expansões de produção.

As exportações mundiais de carne bovina em 2018 aumentaram 6,1%, para 10,9 milhões de toneladas. A Argentina, o Brasil, a Austrália e os Estados Unidos estiveram em grande parte por trás da expansão, parcialmente compensada por declínios na Índia e na União Europeia.

As exportações de carne bovina da Argentina expandiram-se vigorosamente, pois vários países, especialmente a China, fizeram pedidos de importação mais altos. Um forte apoio à expansão veio dos preços competitivos oferecidos pela Argentina nos mercados internacionais, respaldados pela alta disponibilidade de produção e exportação.

No Brasil, as exportações cresceram 11,3%, graças ao aumento dos pedidos de importação da China, Egito e Chile, entre outros, mais do que compensando a perda de um dos principais mercados de exportação, a Federação Russa. As exportações brasileiras de carne bovina para a Federação Russa caíram de 179 mil para 4 700 toneladas em 2018, uma queda ano-a-ano de 97%.

As exportações de carne bovina da Austrália aumentaram 11,8% em 2018, refletindo uma expansão mais acentuada das importações no Japão, nos Estados Unidos, na República da Coreia e na China, que coletivamente absorveram 80% da carne bovina australiana exportada em 2018.

As importações de carne bovina da China aumentaram 29,3 por cento para 2,0 milhões de toneladas, o equivalente a um quinto do total das exportações mundiais, principalmente devido à crescente demanda dos consumidores. As importações de carne bovina também se expandiram na República da Coreia, no Japão, na Indonésia, no Chile e na União Europeia, enquanto o Vietnã, o Egito, a Federação Russa e Angola cortaram as compras.

BRASIL

Demanda lenta, precios estables pero firmes

Mayor faena de machos en 2018

PORTAL DBO 26/03/2019 Segundo o Imea, o volume de machos abatidos no segundo semestre do ano passado foi o maior desde 2016

Além da seca observada no início deste ano, a baixa oferta de animais terminados e a consequente sustentação no preço da arroba também reflete o ritmo dos abates do último semestre de 2018. De acordo com o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), o volume de machos abatidos naquele período foi o maior desde 2016, com destaque para o descarte de animais entre 12 e 24 meses, onde houve aumento de 25,6% ante 2017.

“Esse cenário pode estar atrelado aos ganhos de produtividade no período devido ao uso de ração e ao aumento de cabeças confinadas no Estado, cerca de 7,2% a mais de outubro de 2017 para outubro de 2018”, observa o Instituto em nota na qual destaca a antecipação no abate de machos que seriam engordados ao longo deste ano.

Misión de ESTADOS UNIDOS – Llegará el próximo 10 de junio

Fonte: Mapa.26/03/19 - por Equipe BeefPoint

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) comunicou nesta segunda-feira (25) ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento que está apto a realizar, no período de 10 a 28 de junho próximo, auditoria no sistema de inspeção de estabelecimentos de carnes bovinas e suínas do Brasil.



“Este é um passo importante para que possamos voltar a exportar, num futuro próximo, carne in natura para os EUA”, afirmou a ministra Tereza Cristina.

Na semana passada, durante visita oficial do governo brasileiro a Washington, o secretário de Agricultura americano, Sonny Perdue, havia informado que marcaria a data para a missão vir ao Brasil.

“Tudo ocorreu conforme o acordado com o senhor Perdue. Houve boa vontade dos Estados Unidos e alcançamos o objetivo de nossa viagem”, avaliou Tereza Cristina.

O serviço de inspeção americano pretende verificar se os produtos brasileiros continuam a atender os requisitos sanitários daquele país. Após a visita, será divulgado, em data ainda não definida, o relatório de auditoria.

Oposição al ingreso de carnes brasileñas a EE.UU.

26/03/19 - por Equipe BeefPoint

O presidente da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Bovinas), Antônio Jorge Camardelli, afirmou que a oposição dos pecuaristas norte-americanos à possível retomada das importações de carne in natura do Brasil não passa de “esperneio”.

Em comunicado nesta sexta-feira (22) no Facebook, a Associação dos Criadores de Gado dos EUA afirmou que considera o Brasil um país marcado por escândalos e que a volta das importações compromete a saúde do rebanho bovino americano.

Brasil fez correções, diz Abiec

Para Camardelli, o esperneio faz parte do jogo comercial, mas o governo americano fez a lição de casa e sabe que o Brasil fez todas as ações corretivas. O dirigente disse ainda que os criadores estão trabalhando contra si mesmos porque quanto mais o país comprar carne do Brasil, mais eles poderão exportar.

A possível retomada foi acordada nesta semana pela ministra da Agricultura, Tereza Cristina, que integrou a comitiva do presidente Jair Bolsonaro em viagem aos EUA. Aplaudida pelo setor, a ministra trouxe do seu colega americano, Sonny Perdue, a promessa de que técnicos virão ao Brasil para inspecionar as plantas industriais a fim de retomar as exportações.

Carne com pus

O envio de carne in natura para os EUA foi paralisado em junho de 2017, após os americanos encontrarem abscessos (espécie de caroço com pus) em cortes dianteiros enviados ao país, resultado de reações da vacina contra a febre aftosa. Foram apenas sete meses de exportação, após cerca de 17 anos de negociação. Na época, o Brasil estava inserido no grupo de exportadores da América Central, com cota de 64 mil toneladas por ano.

“Por erro, irresponsabilidade nossa, exportamos carne com abscesso. Mas era apenas sujeira e não doença. Em momento algum colocamos em risco a saúde dos americanos”, afirmou o pecuarista e vice-presidente da SRB (Sociedade Rural Brasileira), Pedro de Camargo Neto.

Problema foi fato isolado, diz instituto

Para o presidente do Imac (Instituto da Carne do Estado do Mato Grosso), Guilherme Nolasco, a exportação com abscesso foi um fato isolado, divulgado de maneira equivocada, que trouxe graves consequências para o mercado interno e também externo na época.

O Mato Grosso, com 30 milhões de cabeças e 31 plantas com inspeção federal que exportam para a Europa e outros países, é responsável por cerca de 20% das exportações de carne brasileira.

Camargo Neto disse que a volta das exportações pode ser rápida, desde que os americanos queiram, já que eles conhecem bem as indústrias brasileiras. Há mais de 20 anos, o Brasil exporta para os EUA carne enlatada, que passa por processo de cozimento.

Carne brasileira para hambúrgueres

O mercado americano para a carne in natura brasileira é estimado em 50 mil toneladas de dianteiro, que devem ser usadas na fabricação de hambúrgueres e almôndegas. Isso não afeta o mercado interno, porque cerca de 80% da carne produzida fica no país.

O volume a ser exportado não importa tanto, segundo pecuaristas, dirigentes e especialistas do setor. Ricardo Nissen, assessor técnico da Comissão de Bovinocultura de Corte da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), disse que a reabertura é importante porque a gestão sanitária dos EUA é muito rigorosa.

Seria um aval, uma chancela para o Brasil abrir outros mercados importantes, como Canadá, México, Japão e Coreia do Sul.

No ano passado, o Brasil bateu recorde de exportações totais de carne com 1,643 milhão de toneladas, crescimento de 11% em relação a 2018, e receita de US\$ 6,57 bilhões (aumento de 7,9%).

No primeiro bimestre deste ano, os embarques somaram 262.418 toneladas, um aumento de 6,7% em relação ao mesmo período de 2018. Em receita, o valor atingiu US\$ 979,34 milhões, uma queda de 2,8%. Hong Kong e China são os principais compradores.



Coordinan fecha de vacunación contra la aftosa

28/03/19 - por Equipe BeefPoint Representantes dos setores público e privado do Acre, Rondônia, Mato Grosso e Amazonas decidiram, após rodadas de reuniões ontem (26) e hoje (27), marcar para novembro deste ano a última etapa de vacinação contra aftosa dos rebanhos da região.

A quarta reunião do Bloco I, que reúne esses estados, ocorreu em Porto Velho (RO). Os participantes decidiram readequar o calendário inicialmente proposto, que previa a última fase de vacinação para o próximo mês de maio. A decisão consensual visa garantir a plena execução, com total segurança, do Plano Estratégico para Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA).

Após dois anos sem vacinação, estados podem recorrer à OIE (Organização Mundial de Saúde Animal) para obter o certificado de área livre de aftosa sem vacinação.

Ministra dispone un comité para analizar el autocontrol en plantas

29/03/19 - por Equipe BeefPoint

A ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, vai instalar o Comitê Técnico Permanente de Autocontrole, na próxima terça-feira (2), em Brasília. A medida (portaria nº 24) é um dos passos previstos para estabelecer mudanças no sistema de controle de inspeção de qualidade da produção agropecuária. Nesse novo sistema o fabricante é responsabilizado pela mercadoria que coloca no mercado.

Em seminário realizado em fevereiro sobre o assunto, Tereza Cristina defendeu a adoção de procedimentos de fiscalização e auditoria mais modernos no setor produtivo que deverão garantir maior segurança e qualidade para o consumidor. “O autocontrole nada mais é do que a responsabilidade de ambos os lados. O setor privado tem que cumprir sua parte e nós precisamos ir lá e ver se os protocolos estão sendo seguidos”, explicou na abertura do evento.

O comitê que será instalado na próxima semana deverá propor a implementação, monitoramento e avaliação dos programas de autocontrole, identificar atos normativos que serão necessários, apoiar a articulação de ações conjuntas, como troca de experiência e capacitação, e sugerir subcomitês para temas específicos.

Com atuação de caráter técnico e consultivo, o comitê será integrado por representantes do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal(Dipoa), do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal(Dipov), do Departamento de Sanidade Vegetal e Insumos Agrícolas(DDIA), do Departamento de Saúde Animal e Insumos Pecuários(DSA), do Departamento de Serviços Técnicos e do Departamento de Suporte e Normas(DSN).

Os representantes da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Confederação Nacional da Indústria(CNI) e da Organização das Cooperativas Brasileiras(OCB) poderão ser convidados para participarem das discussões.

Os avanços nos modelos de autocontrole seguem a tendência crescente do uso de sistemas voluntários de certificação de qualidade e muitos países da União Européia já criaram normatizações sobre isso.

Além do seminário já realizado, o sistema também foi discutido em reunião com representantes estaduais e o Distrito Federal, que integram o Fórum Nacional dos Executores de Sanidade Agropecuária (Fonesa).

Segundo Guilherme Leal, secretário de Defesa Agropecuária (SDA) é importante pensar em autocontrole não somente na inspeção de produtos de origem animal, mas também nos vegetais, bebidas e insumos (adubos e defensivos). O secretário explica que o comitê vai estruturar o programa de autocontrole no ministério e nos órgãos regionais ligados ao Mapa, com a participação do setor privado nas discussões.

“Precisamos delimitar bem a responsabilidade do setor público e do privado para avançar de forma tranquila. A área pública vai continuar com a elaboração das normas, auditorias, fiscalização e a certificação”, explica o secretário. E alerta que “as empresas terão que aprimorar seus processos. A inspeção ante e post mortem (antes e depois do abate) continuará sendo feita por auditores fiscais do ministério, informou.

O secretário adjunto da SDA, Fernando Mendes acrescenta que “estão sendo incluídos novos pontos de checagem no processo produtivo, que serão conduzidos por médicos veterinários, engenheiros de alimentos e outros”.

Mendes lembra que inexistem risco zero na produção e, por isto, os estabelecimentos têm que estar sempre prontos a identificar os riscos. “A responsabilidade sobre o produto é de quem produz”, explica. “Mas muitas vezes esse papel é transferido ao Estado, que, na verdade, tem de ser responsável pela verificação, aplicação de medidas punitivas e retirada do mercado quando identifica problema em determinado produto”.

Atualmente, a fiscalização do ministério acompanha o fluxo produtivo até o final e, com o autocontrole, esta tarefa será compartilhada com o setor privado. A inspeção ante e post mortem terá parâmetros modernizados para que seja feita de modo mais inteligente, de acordo com a realidade produtiva atual. Para tornar a fiscalização mais eficiente e viabilizar o autocontrole o Mapa vai acelerar a informatização e automatização de todos os processos.



Guilherme Leal adelantó que a implantação do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA), fará com que algumas responsabilidades que são executadas pelo governo federal, sejam executadas pelas agências de defesa estaduais, dependendo de treinamento de pessoal, sistemas informatizados e recursos.

Representantes da Frente Parlamentar da Agricultura e do IICA (Instituto Interamericano de Cooperación para a Agricultura) apresentarão, na terça -feira, resultados de reuniões técnicas que realizaram sobre o novo sistema.

URUGUAY

Precio del novillo gordo se mantiene estable en US\$ 3,40 en promedio

28/03/2019 Algunos novillos logran referencias de US\$ 3,45 en cuarta balanza.

El directivo de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), Joaquín Falcón, comentó a Rurales El País que el mercado de haciendas gordas “se sigue manteniendo firme” en precios, aunque algunas plantas frigoríficas “han tratado de pasar valores por debajo” a las referencias actuales.

Explicó que las referencias por el novillo son, en promedio, de US\$ 3,40 en cuarta balanza. Pero entiende que “no todos los ganados valen lo mismo”, sino que “hay que ir con ganado en mano y buscar los nichos”. También dijo que se han cerrado ventas por encima a esas referencias por animales que suman buenas características, con valores de hasta US\$ 3,45.

Las vacas tienen una brecha “más amplia” y “mayor competencia” entre plantas, con precios que rondan los US\$ 3,25 para las carcasas más pesadas, mientras que por las más livianas se ofrecen entre 8 a 10 centavos menos en cuarta balanza.

Falcón dijo que las entradas están siendo dispares entre las plantas, aunque los plazos para ingresar tienen un máximo de 10 días.

Uruguay exportó menos carne cuota 481 en los primeros trimestres del año

27/03/2019 - Fueron 9.961 toneladas de carne vacuna de alta calidad, unas 1.539 toneladas menos que el año pasado.

En los primeros tres trimestres de la cuota 481, Uruguay exportó 9.961 toneladas de carne vacuna de alta calidad, unas 1.539 toneladas menos comparado con los mismos trimestres del año agrícola 2017/18, cuando se embarcaron 11.500 toneladas.

Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados, aseguró a Rurales El País que “el gran responsable” de la disminución de las exportaciones uruguayas ha sido Argentina, que ha experimentado un aumento en sus ventas en el mismo periodo.

Argentina incrementó sus colocaciones en 900 toneladas, alcanzando un volumen de 6.920 toneladas en los tres trimestres de la cuota. Ambos países han exportado 16.800 toneladas, unas 600 toneladas menos comparado a iguales trimestres del año pasado.

Tardáguila explicó que el descenso de Uruguay y aumento de Argentina no está relacionado al precio, dado que venden a igual valor, sino al prestigio del producto vecino y la mayor predisposición de insertarse de mejor manera en los mercados del mundo.

INAC define estrategia para el posicionamiento de la carne en Japón

27/03/2019 - El presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, confirmó que junto con el sector privado —frigoríficos y productores—, se comenzó a realizar las primeras evaluaciones para “definir acciones en el corto plazo”, que mejoren el posicionamiento de las carnes vacunas uruguayas en Japón.

Este mercado de alto valor, quedó habilitado para cortes bovinos desosados y madurados, a partir de febrero y los primeros envíos de carnes uruguayas fueron exitosos.

“Las acciones que se están analizando desarrollar apuntan a poner a la vista y hacer conocer más el producto a los distintos eslabones de la cadena comercial”, explicó Stanham, en el marco de una conferencia de prensa donde se analizó la participación de Uruguay en la feria alimentaria Foodex 2019. Fue la primera vez luego de habilitado el mercado.

El jerarca destacó que lo que están pidiendo los importadores nipones es ver, tocar y saborear las carnes uruguayas, porque hay que convencer a la cadena que es un producto que vale la pena importar.

“Antes de febrero hay que delinear las nuevas acciones en Japón antes de Foodex 2020, porque no podemos esperar un año completo para dar ese paso trascendente”, insistió el titular del INAC. Japón fue el último mercado de alto valor conquistado por Uruguay, tras más de 10 años de auditorías e intercambio de información sanitaria.

A su vez, el director general de los Servicios Ganaderos, Eduardo Barre, recordó que “Uruguay es el primer país libre de fiebre aftosa con vacuna que es reconocido por la Organización Mundial de Sanidad



Animal (OIE) y que entra en un país libre de la enfermedad sin vacuna. “Es un mercado muy exigente y tiene el mayor de los conceptos sobre la inocuidad y la calidad de la carne uruguaya”, destacó. Pero los cambios alimenticios en Japón avanza rápido y es el país con mayor consumo de hamburguesas. “Uruguay está habilitado para entrar con carne (picada) en bloques y con trimming (recortes de carne). Ese es un reconocimiento importante para nuestro mercado”, afirmó el director de los Servicios Ganaderos.

Egipto suspendió importación de ganado en pie y Kazajistán las habilitó

26/03/2019 - El país africano acusa un supuesto maltrato animal uruguayo, que ha sido descartado por las autoridades uruguayas.

El director general de los Servicios Ganaderos, Eduardo Barre, informó que la habilitación de la exportación de vacunos en pie a Egipto quedó en suspenso desde el pasado 19 de febrero. Consultado por Rurales El País si la decisión se debió al video que circuló en el que se observaba el maltrato de animales en un buque que se dirigía a Egipto, Barre dijo que los egipcios no manifestaron el motivo de la decisión. En 2018 Egipto importó 12.418 terneros en pie desde Uruguay. Fue el cuarto principal destino detrás de Turquía (360.639), China (17.454) e Irak (14.920), de acuerdo con datos del Ministerio de Ganadería (MGAP).

Por su parte, Barre dijo que llegó al MGAP la comunicación desde Kazajistán de la habilitación de la exportación de vacunos en pie desde Uruguay, tanto de animales para reproducción como para engorde. Kazajistán cuenta con una zona libre de aftosa con vacunación y otra sin inmunización. La hacienda uruguaya solo podrá ir a la primera región.

Están participando del Congreso Mundial de la raza Aberdeen Angus, que se está desarrollando en Uruguay entre la semana pasada y la actual, una delegación de 17 representantes de Kazajistán que tiene entre sus cometidos evaluar la posibilidad de importar vacunos en pie. Se manejó una ambiciosa cifra que podría llegar a 100 mil animales.

Además, están participando del mencionado Congreso integrantes de la Unión Europea que intentarán que se habilite la importación de semen y embriones desde Uruguay con un protocolo similar al que tiene Argentina.

Ministro Benech defiende cómo trabaja y respeta Uruguay el bienestar Animal

27/03/2019 - Egipto cerró las importaciones de ganado en pie de Uruguay acusando maltrato animal.

“Uruguay es respetuoso del bienestar animal y no se le puede echar la culpa de incumplirlo”, afirmó el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, al preguntársele sobre el cierre de Egipto, luego del video que mostraba en destino un maltrato de los animales previos al sacrificio ritual (Halal) que aplican los países con religión musulmana.

El mercado quedó temporalmente inoperante. “Es ganado nuestro el que se ve en el video, pero no se le puede echar la culpa a Uruguay. Somos prolijos en el respeto al bienestar animal y venimos cumpliendo eso creces”, afirmó tajante el ministro.

A nivel del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca hay un grupo de trabajo interinstitucional que controla que se cumplan las normativas de bienestar animal y en caso de los embarques de ganado en pie, la responsabilidad de Uruguay va hasta el embarque, luego pasa a ser de la empresa compradora y del mercado.

A su vez, Benech contó que también se le explicó cómo trabaja Uruguay a la ministra de Agricultura de Alemania, tras otro video que había trascendido meses atrás vinculado con el manejo de los equinos que tienen por destino la faena. “El tema quedó aclarado”, afirmó Benech. Alemania, al igual que Italia y Francia es un destino importante para la carne equina que exportan los tres frigoríficos uruguayos dedicados a este rubro.

Carne vacuna enfrenta un auspicioso futuro

24/03/2019 - Consultor Ignacio Iriarte sostuvo en su charla de Expoactiva que “es un momento muy bueno para carne que no todos aprovechan”.

Auspicioso futuro para el mercado internacional de la carne vacuna. Aumento de consumo per capita en China y fiebre porcina africana en estado incontrolable, aceleran la demanda del gigante asiático, aunque en términos generales la economía mundial exhiba indicios de estar desacelerándose.

“Es un momento muy bueno que no todos aprovechan” dijo el consultor argentino Ignacio Iriarte, en la conferencia organizada por el frigorífico San Jacinto en Expoactiva Soriano, quien aseguró que las grandes variables para este rubro serán introducidas por China a corto plazo.

Actualmente ese país consume un promedio de 40 kilogramos de cerdo y 6 de vacuno per capita. Las importaciones de carne representan 2,9 millones de toneladas y habrá un incremento acelerado en virtud



de un “virus longevo” que se ha tornado incontrolable desde el pasado mes de agosto y amenaza “con cambiar la producción de proteína en el mundo por los próximos 20 años”.

“China es excluyente, hace unos años era una fantasía y hoy está cerca de los 3 millones de toneladas. Lo está haciendo en conjunto con Vietnam, Hong Kong, es decir toda la carne que ingresa de contrabando pero realmente es extraordinario aunque por ahora con carne de bajo precio porque no tienen cultura de la carne” indicó el conferencista ante la atenta mirada de una sala que lucía casi repleta de interesados en conocer su punto de vista sobre la situación.

“En definitiva hay mucha carne que hay que venderla y es algo que antes se vendía a 3 y hoy se vende a 5 y lo que valía 4 se vende a 6. Es un precio muy bajo pero como dicen los americanos la cuenta final mejora” expresó.

Entiende que lo que está pasando en el país asiático “es una explosión que no alcanzamos a interpretar” y anunció que por primera vez en mucho tiempo “vamos a asistir a una mejora de los precios internacionales de carne vacuna”.

“El 15 de marzo se conoció el informe que elabora el Departamento de Agricultura sobre China. Ellos dicen que están ocultando la verdadera magnitud de la fiebre porcina, que es la enfermedad más terrible y contagiosa que sobrevive en los alimentos, en las botas, en las cubiertas de las camionetas y se les está desparramando por toda Asia con un 100% de mortandad. Por esta razón se están agregando grandes compras de emergencia del gobierno chino” explicó Iriarte.

“De los 54 millones de toneladas de cerdo que produce, ya a corto plazo tiene 2 millones de toneladas menos en el año y ahora se informa que el rodeo de cerdos se redujo en 16%. Es algo imparables que no quieren confesar porque están desarmados. Esto obviamente tiene otras implicancias porque se va a haber una cantidad extraordinaria menor de cerdos, habrá también una menor demanda de maíz y soja” advirtió el experto.

“Hay otro elemento que tan solo tiene un mes de antigüedad y es que los americanos han dicho: “caramba, esta aspiradora china nos está dejando sin carne a nosotros que la necesitamos para corregir la producción de hamburguesas, chacinados, salchichas”, en función de que la carne que producen es de alto tenor graso” explicó. “Es notable lo que está pasando y nunca hemos visto un fenómeno de esta naturaleza” consideró.

Amenazas. Para Iriarte existen dos amenazas que pueden impactar según la forma en que se resuelvan. El Brexit y cómo sale dañada Inglaterra y la guerra comercial entre Estados Unidos y China, son situaciones cuyos desenlaces mantienen en vilo al mundo entero.

“Existe expectativa por el encuentro que chinos y americanos mantendrán en Europa en el transcurso del mes de abril. Han tomado conciencia los dos pero especialmente los chinos que están sufriendo un daño de mayor magnitud a lo estimado, harán enormes concesiones de compras de productores agropecuarios, porque entre otras cosas el superávit chino con los americanos es de 400 mil millones de dólares. Si se llegan a arreglar, eso tendrá un efecto beneficioso sobre todo el mercado mundial” explicó el consultor argentino.

UNION EUROPEA

El primer recorte para la cuota 481 sería a 27 mil toneladas

22/03/2019 - Por Tardáguila Agromercados. Bruselas le otorgaría a los estadounidenses un cupo inicial en exclusiva de unas 18 mil toneladas.

Las últimas especulaciones sobre las negociaciones entre la Unión Europea y Estados Unidos para asignarle en exclusiva una porción de la cuota 481 al segundo país van por el lado de un aumento gradual de ese contingente que comenzaría en 18 mil toneladas anuales y llegaría hasta 30 mil en un plazo de seis años. Actualmente la cuota de 45 mil toneladas es utilizada por Estados Unidos, Uruguay, Australia, Argentina y en menor medida Nueva Zelanda y Canadá.

Las negociaciones no han sido sencillas ni prioritarias para Europa, en momentos en que focaliza la atención y preocupación en el Brexit, con la salida de Gran Bretaña que tiene fecha, en principio, para fines de la semana que viene.

Las especulaciones a nivel de quienes operan con carne en el mercado europeo son de que Bruselas le otorgaría a los estadounidenses un cupo inicial en exclusiva de unas 18 mil toneladas —es el máximo tonelaje que ha logrado cumplir Estados Unidos en un ejercicio agrícola dentro de esta cuota— para llegar en un plazo de seis años a un tope de 30 mil toneladas. Por el momento, de acuerdo con la fuente consultada, estaría descartado que la UE le otorgue a EE.UU. en exclusiva 35 mil toneladas anuales, cifra que también ha estado sobre la mesa.

De confirmarse lo que por ahora no deja de ser una especulación, quedaría para los demás que operan dentro de este contingente —fundamentalmente Uruguay, Australia y Argentina, pero también Nueva Zelanda y Canadá— un volumen de 27 mil toneladas que iría cayendo, seguramente a razón de 2 mil toneladas por año, a un piso de 15 mil toneladas.



Asumiendo que Uruguay pueda cubrir la mitad del cupo, serían 13-14 mil toneladas el primer año, bajando luego a unas 7-8 mil toneladas. En los últimos ejercicios Uruguay colocó dentro de la cuota 481 unas 15-16 mil toneladas de carne vacuna.

Nada hace pensar que estos cambios comiencen a regir antes de 2020. Luego de llegarse a un acuerdo final entre Bruselas y Washington, el mismo deberá ser ratificado por todos los miembros de la UE, lo cual llevará su tiempo. Pero todo parece indicar que, más tarde o más temprano, habrá que adecuarse a una operativa de menor volumen dentro de este contingente que permite ingresar a Europa con un arancel de 0%.

BREXIT: Preparación ante un No Deal

European Commission - Press release Brussels, 25 March 2019

Brexit preparedness: EU completes preparations for possible “no-deal” scenario on 12 April

As it is increasingly likely that the United Kingdom will leave the European Union without a deal on 12 April, the European Commission has today completed its “no-deal” preparations.

At the same time, it continues supporting administrations in their own preparations and urges all EU citizens and businesses to continue informing themselves about the consequences of a possible “no-deal” scenario and to complete their no-deal preparedness. This follows the European Council (Article 50) conclusions last week calling for work to be continued on preparedness and contingency. While a “no-deal” scenario is not desirable, the EU is prepared for it.

Following a request by Prime Minister Theresa May, the European Council (Article 50) agreed on Thursday 21 March to extend the UK's departure date to 22 May 2019, provided the Withdrawal Agreement is approved by the House of Commons by 29 March 2019 at the latest. If the Withdrawal Agreement is not approved by the House of Commons by then, the European Council has agreed to an extension until 12 April 2019. In that scenario, the United Kingdom would be expected to indicate a way forward before this date.

While the European Union continues to hope that it will not be the case, this means that if the Withdrawal Agreement is not ratified by Friday 29 March, a “no-deal” scenario may occur on 12 April. The EU has prepared for this scenario and has remained united throughout its preparations. It is now important that everyone is ready for and aware of the practical consequences a “no-deal” scenario brings.

A “no-deal” scenario

In a “no-deal” scenario, the UK will become a third country without any transitional arrangements. All EU primary and secondary law will cease to apply to the UK from that moment onwards. There will be no transition period, as provided for in the Withdrawal Agreement. This will obviously cause significant disruption for citizens and businesses.

In such a scenario, the UK's relations with the EU would be governed by general international public law, including rules of the World Trade Organisation. The EU will be required to immediately apply its rules and tariffs at its borders with the UK. This includes checks and controls for customs, sanitary and phytosanitary standards and verification of compliance with EU norms. Despite the considerable preparations of the Member States' customs authorities, these controls could cause significant delays at the border. UK entities would also cease to be eligible to receive EU grants and to participate in EU procurement procedures under current terms.

Similarly, UK citizens will no longer be citizens of the European Union. They will be subject to additional checks when crossing borders into the European Union. Again, Member States have made considerable preparations at ports and airports to ensure that these checks are done as efficiently as possible, but they may nevertheless cause delays.

The EU's “no-deal” preparedness and contingency work

Since December 2017, the European Commission has been preparing for a “no-deal” scenario. It has published 90 preparedness notices, 3 Commission Communications, and has made 19 legislative proposals (see below).

The Commission has held extensive technical discussions with the EU27 Member States both on general issues of preparedness and contingency work and on specific sectorial, legal and administrative preparedness issues. The Commission has now also completed its tour of the capitals of the 27 EU Member States. The aim of these visits was to provide any necessary clarifications on the Commission's preparedness and contingency action and to discuss national preparations and contingency plans. The visits showed a high degree of preparation by Member States for all scenarios.

Member States have also been engaged in intensive national preparations. An overview of residency rights in the EU27 Member States is available here, as well as direct links to national preparedness websites.

Contingency and preparedness legislative measures

To date, the Commission has tabled 19 legislative proposals. 17 proposals have been adopted or agreed by the European Parliament and the Council. Formal adoption of all those files by the European Parliament



and Council is currently taking place. Two proposals are to be finalised by the two co-legislators in due course.

As outlined in the Commission's Brexit Preparedness Communications, the EU's contingency measures will not – and cannot – mitigate the overall impact of a "no-deal" scenario, nor do they in any way compensate for the lack of preparedness or replicate the full benefits of EU membership or the favourable terms of any transition period, as provided for in the Withdrawal Agreement. These proposals are temporary in nature, limited in scope and will be adopted unilaterally by the EU. They are not "mini-deals" and have not been negotiated with the UK.

The EU has maintained - and will continue to maintain - a fully united position throughout its preparations, and during any possible "no-deal" period.

The "no-deal" contingency measures include:

- PEACE programme: the continuation of the PEACE programme on the island of Ireland until the end of 2020. As for the period after 2020, the Commission has already proposed as part of its proposals for the next Multi-annual Financial Framework to continue and strengthen cross-border support for peace and reconciliation in the border counties of Ireland and Northern Ireland.
- The EU Budget (in the process of final adoption): in a "no-deal" scenario, the EU will be in a position to honour its commitments and to continue making payments in 2019 to UK beneficiaries for contracts signed and decisions made before 30 March 2019, on condition that the UK honours its obligations under the 2019 budget and that it accepts the necessary audit checks and controls.
- Fishing rights and compensation: these measures provide for compensation for fishermen and operators from EU Members States under the European Maritime and Fisheries Fund for the temporary cessation of fishing activities. It also ensures that the EU is in a position to grant UK vessels access to EU waters until the end of 2019, on the condition that EU vessels are also granted reciprocal access to UK waters
- Financial services: temporary, limited measures to ensure that there is no immediate disruption in the central clearing of derivatives, central depositaries services for EU operators currently using UK operators, and for facilitating novation, for a fixed period of 12 months, of certain over-the-counter derivatives contracts, where a contract is transferred from a UK to an EU27 counterparty.
- Air connectivity and safety: these two measures will ensure basic air connectivity in order to avoid full interruption of air traffic between the EU and the UK in the event of a "no-deal" scenario.
- Road connectivity: allows for the continuation of safe basic road connectivity between the EU and the UK for a limited period of time, provided that the UK gives reciprocal treatment to EU companies and operators.
- Rail connectivity: ensures the validity of safety authorisations for certain parts of rail infrastructure for a strictly limited period of three months to allow long-term solutions in line with EU law to be put in place. This is, in particular, related to the Channel Tunnel and will be conditional on the United Kingdom maintaining safety standards identical to EU requirements.
- Ship inspections: this aims to ensure legal certainty and secure business continuity in shipping.
- Re-alignment of the North Sea – Mediterranean Core Network Corridor: This adds new maritime links between Ireland, France, Belgium and the Netherlands to the core network, and introduces a new funding priority to the Connecting Europe Facility (CEF): adapting transport infrastructure for security and external border check purposes.
- Climate policy: this measure ensures that a "no-deal" scenario does not affect the smooth functioning and the environmental integrity of the Emissions Trading System.
- Erasmus + programme: students and trainees abroad participating in Erasmus+ at the time of the UK's withdrawal can complete their studies and continue to receive the relevant funding or grants.
- Social security entitlements: the entitlements (such as periods of insurance, (self) employment or residence in the United Kingdom before withdrawal) of those people who exercised their right to free movement before the UK's withdrawal are safeguarded.
- Visa reciprocity (in the process of final adoption): visa-free travel to the EU for UK nationals if the UK also grants reciprocal and non-discriminatory visa-free travel to all EU citizens.

State aid

As regards the need for financial resources and/or technical assistance, the EU's existing State aid rules make it possible to address problems encountered by businesses in the case of a "no-deal" Brexit. By way of example, State aid rules permit consultancy aid for small and medium-sized enterprises (SMEs) or training aid which could be used to assist with SMEs preparedness (including possible future custom formalities). The Rescue and Restructuring Guidelines contain provisions on temporary restructuring support schemes for SMEs, which could be useful to address their liquidity problems caused by Brexit. Access to finance is possible in various formats, e.g. through State-financed lending schemes respecting the reference rate or State guarantees under the guarantee notice (contact point available here).



Funding and support under the EU budget

Technical and financial assistance from the European Union can also be made available in certain areas, such as the training of customs officials under the Customs 2020 programme. Other programmes can help similar training projects in the area of sanitary and phytosanitary controls. For agriculture, EU law provides a variety of instruments to cope with the most immediate effects of the withdrawal of the United Kingdom, in particular in a no-deal scenario.

Preparedness notices

The European Commission has published 90 sector-specific preparedness notices. They provide detailed guidance to the different sectors affected by Brexit. They are available online here.

Entidades rurales de Escocia urgen medidas a las autoridades

27 March 2019 UK - Last week, the UK farming unions joined NFU Scotland in writing to Chancellor Philip Hammond warning that the recent UK applied tariff policy announcement is another example of how British farming will be damaged by a no-deal Brexit.

The letter reaffirms the farming unions' position of being absolutely committed to avoiding a disorderly exit from the EU.

"It is imperative that government does not allow the Northern Irish border to become a loophole that only works to the benefit of Irish businesses to the detriment of UK producers."

NFU Scotland President, Andrew McCornick commented: "The government's recent no-deal applied tariff policy announcement confirms our view that to leave the EU without a deal in place would be catastrophic for UK farming.

"While we acknowledge that the tariff policy announced earlier this month is intended to be temporary and would be in direct response to an undesirable situation facing the country, we have very significant concerns about the damage this policy would cause to farmers across the country.

"Without the maintenance of tariff protections we would be in danger of opening up the UK to imported food which would be illegal to be produced here, produced at a lower cost because it may fail to meet the environmental and animal welfare standards which are legally required of our own farmers.

"Under the no-deal tariff policy even those sectors that are treated sensitively by our government will, in most instances, see worrying and large reductions in the tariff rates currently charged on non-EU imports.

"Tariffs currently in place by virtue of EU membership on almost all agricultural products deemed to be sensitive by the UK will be slashed, including those on beef, poultry meat, cheddar, butter, sugar and pork.

"We respect the government's decision to avoid a customs border between Northern Ireland and the Republic in the event of leaving the EU without a deal. However, treating Northern Ireland in effect as a separate customs territory from Great Britain is not appropriate and government's failure to secure reciprocal commitments from the Republic of Ireland is unacceptable.

"It is imperative that government does not allow the Northern Irish border to become a loophole that only works to the benefit of Irish businesses to the detriment of UK producers.

"We are keen to work with government to have a better understanding of the economic modelling, assumptions and potential trade-offs that have been used in arriving at this point. However, the underlying point is that a no-deal exit from the EU would be disastrous for British farming and food production and should be avoided at all costs.

"In the meantime, as there is still the possibility of a no-deal exit, government must act now to address these concerns and revise the tariffs and quotas accordingly, to try and lessen the significant damage which a no-deal would inflict on the UK farming sector.

"In the longer term, it is imperative that the approach taken by government to deal with what would be a disorderly exit from the EU does not form the basis for the UK's long-term approach to international trade."

ESTADOS UNIDOS

Filipinas: Mercado para cortes baratos y menudencia

USMEF March 26, 2019 Joel Haggard, U.S. Meat Export Federation (USMEF) senior vice president for the Asia Pacific, just completed a market visit to the Philippines, where he helped lead a delegation of producers and other ag industry leaders from Iowa on an examination of one of the world's fastest-growing red meat import markets.

2018 was a record-breaking year for U.S. exports to the Philippines, with pork exports of nearly 48,000 metric tons (mt), up 23% from 2017, valued at \$116.1 million (up 19%). Beef exports were nearly 18,000 mt valued at \$87 million - up 39% and 42%, respectively.

Haggard explains that while a large percentage of U.S. export volume to the Philippines consists of lower-cost muscle cuts and variety meat used for further processing, rapid economic growth is helping generate demand for higher-end products. He notes that USMEF has increased its presence and the level of



promotional activities in the Philippines in recent years, and this trend will likely continue as new growth opportunities emerge.

Impacto sobre el Mercado de un invierno frío y húmedo

March 21, 2019 The returning to normal of U.S. federal government reports and data sources are revealing the impact of the cold and wet winter on the fed cattle production. As pointed out in last week's In The Cattle Markets, cattle on feed inventories are very high: 11,678 thousand head in the seven major states. This is above last year's 11,630 thousand head and average of the prior five years for February 1 of 10,781 thousand head. The inventory of long-fed cattle – cattle calculated to have been on feed over 120 days – is also substantial. This inventory is 3,993 thousand head, is well above last year's 3,558 thousand head, and the average of the prior five years for February 1 of 3,500 thousand head. There are a lot of cattle to be marketed through the end of March and into April and May. Slaughter volumes reported in the weekly Livestock Slaughter report do not communicate that this is happening. Total cattle slaughter is up modestly. Within total cattle, cow slaughter is higher some weeks by 10 thousand head, fed heifer slaughter is up some weeks 10-20 thousand head, and the largest portion – that being fed steer slaughter – is even with the prior year or softer. April marketings will be an important indicator of the potential strength of the cattle markets through the summer. Weak marketings will suggest a backlog of animals.

The Livestock Slaughter reports are also revealing the lower fed animal carcass weights. Fed steer weights for 2019 are all lower than the same week in 2018. Carcass weights are one to 13 pounds lighter each week of this year. Fed heifers, which are a larger portion of the slaughter mix this year, are almost always more than 10 pounds lighter than the week of the prior year. Clearly, the cold wet winter has slowed marketings, extended days on feed, decreased feed conversion, held down slaughter weights, and increased costs of gain. Information provided by Kansas State University and other sources indicates costs of gain are 5-7 cents per pounds higher than the same month this time last year with very similar feed input costs. There is a large volume of animals coming but at lighter weights.

Winter weather and general conditions appeared to slow the feeder cattle market down through the end of last year and early this year. In January and February, I worked cattle feeding budgets with fall fed cattle futures, spring feeder cattle futures – both basis-adjusted, and with reasonable projected spring and summer cost of gains. There were close to \$100 per head profits that could be hedged in this window for heavier calves. Needless to say, feeder cattle prices have improved since then

VARIOS

CANADÁ importará un 2% más de carne vacuna en 2019, según el USDA

26/03/2019 - En los primeros tres meses del año Canadá importó 4.352 toneladas de Uruguay.

El Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA) proyecta un aumento del 2% en las importaciones de carne vacuna de Canadá durante el 2019. Sin embargo, prevé una estabilidad en el consumo de este producto, más allá de un aumento de precios al por menor.

Este mercado es el segundo más importante dentro del Nafta para la carne vacuna de Uruguay. En lo que va del 2019 se ha colocado al bloque 17.161 toneladas, de las cuales 4.352 fueron importadas por Canadá. Una facturación superior a los US\$ 60 millones.

Por otro lado, el USDA prevé que la producción de carne vacuna de Canadá se mantenga estable en 1,53 millones de toneladas, solo 18.000 toneladas más frente al 2018, dado principalmente por un mayor peso de las canales, explica el informe.

CHINA impacto en el mercado por los focos de Fiebre Porcina

28 March 2019 African Swine Fever (ASF) has continued to spread across China in 2019, rattling global markets. Official reports indicate significant culling has occurred – 950,000 pigs since the first outbreak – but on-the-ground reports suggest severe under-reporting. According to the Chinese Ministry of Agriculture, the estimated February sow inventory declined 5% month-on-month and was 20% below this time last year.

China is the largest producer and consumer of pork in the world and concerns are now shifting to how the meat heavyweight will cover any shortfalls later this year and into 2020. Estimates of the decline in pork production this year range from 6-30%, but much remains unclear and data is patchy given the fragmented and informal nature of much of the industry.

ASF has also crossed the southern border of China into Vietnam, where the number of outbreaks has increased exponentially since the first confirmed case on 19 February. More than 46,600 pigs have been culled across 366 outbreaks. Given the informal nature of trade and movement of goods across land borders in the region, the pork industries in Laos, Cambodia, Thailand and Malaysia remain at high risk of



contracting the disease if they haven't already. Mongolia has also reported 11 outbreaks since mid-January but remains a minor producer.

Pork production in Vietnam and neighbouring countries remains important for their domestic requirements but pales in comparison to the sheer scale of China. While ASF may significantly impact the large number of smallholder farmers and disrupt local supply in Vietnam, it is unlikely to severely alter global trade. For China, this is not the case.

Poultry key to shortfall

According to China's Agricultural and Rural Animal Husbandry and Veterinary Bureau, national county market retail pork prices averaged 22.47 yuan/kg in 2018, ahead of chicken (19.19 yuan/kg) but behind beef (65.14 yuan/kg) and sheepmeat (62.34 yuan/kg). Hence, any direct substitution of local pork will come from imported pork or local and imported poultry. Seafood may also play a key role but, for many, switching to expensive beef and sheepmeat is simply not viable. The impending shortage and potential price rise will also likely mean China's poorest consumers may simply eat less meat.

Given poultry's ability to ramp up production quickly in response to market signals, the world poultry industry is poised to fill any production gap, provided market access. China's domestic poultry industry will also be key and reports of production expansion are already apparent.

Trade yet to reflect extent of shortage

Interestingly, however, pork and poultry trade to China or Hong Kong is yet to reflect any significant redirection of product. Direct imports of fresh and frozen pork into China declined 2% year-on-year in 2018, to 1.19 million tonnes swt. Poultry imports increased 12% in 2018 but remained in line with the five-year average, at 504,000 tonnes swt. January and February 2019 reflected some increase in both pork and poultry trade but neither lift was outside historical norms.

However, some recent signs of a market reaction are occurring. In the first week of March the USDA reported a surge in net pork cuts export sales to China. While the jump subsequently retreated to normal levels, the four-week moving average as of mid-March was up 14-fold year-on-year, albeit off a low base. Despite a 68-70% tariff on US pork currently exported to China, market sentiment remains strong and US pork futures have rallied in the last two weeks. If the supply impact of ASF turns out to be extremely severe or the US and China make a trade war peace deal, the US pork industry will be poised to supply any shortfalls.

Beef and sheepmeat trade surging

The noticeable market movers in the last 12 months have been the beef and sheepmeat trade to China. In 2018, direct Chinese beef imports exceeded one million tonnes for the first time, making it the world's largest beef market, and it maintained the mantle as the world's largest destination of imported sheepmeat. While ASF has grabbed most of the headlines, these growth trends were well underway before any outbreak in China and largely reflect growing demand from wealthy households for premium imported meat. In addition, for beef, growth also reflects greater market access for South American suppliers in recent years and their ability to build a customer base.

The surge in beef trade with China has been broad based across all major suppliers, notably Australia (China imports were up 49% in 2018 year-on-year), New Zealand (up 39%), Brazil (up 63%), Argentina (up 109%) and Uruguay (12%). Meanwhile the China imported sheepmeat market expanded 28% to a record 319,000 tonnes swt, with product from Australia and New Zealand up 28% and 29% respectively.

CHINA recibió el primer cargamento de carne bovina procedente de NAMIBIA

28 March 2019 - Namibia exported the first 21 tonnes of beef to China today (28 March) in an effort to diversify the country's export destinations.

At a send-off event that took place in the Namibian capital, meat processing and marketing entity Meatco Board Chairperson, Martha Namundjebo-Tilahun, said the entity and the nation at large is excited about entering into an alternative market.

Ms Namundjebo-Tilahun said, "Despite the challenging times producers are faced with, such as the economy and recurring drought, we would like to commend you the producers for providing us with quality produce."

Charge d'Affaires of Chinese Embassy in Namibia Yang Jun said that Namibia is the only African country to export beef to China.

"This Namibian beef is of high quality," he said, adding that the export of beef to China is set to further open other potential avenues for business and trade.

Meanwhile, Namibia's Minister of Agriculture, Water and Forestry, Alpheus Naruseb said the first consignment is irrefutable proof that the relationship between China and Namibia is mutually beneficial.

In 2016, Namibia and China signed a milestone agreement that would see A-grade beef enter the massive Asian market, making it the only country in Africa to export beef to that country.



EMPRESARIAS

JBS logro un récord em su producción de hamburguesas

PORTAL DBO 26/03/2019 Seara e a Friboi produziram mais de 10 milhões de quilos do produto, informou a companhia em nota

Seara e Friboi, duas das principais marcas industriais controladas pela JBS, começaram o ano de 2019 com marcas significativas – expressivos recordes de produção de hambúrgueres. De acordo com a companhia, foram mais de 10 milhões de quilos do produto produzidos pelas duas marcas em janeiro deste ano.

A produção, explica a JBS, é destinada às maiores redes de restaurante do Brasil e, seguindo formulação própria, também atendem ao portfólio de produtos que são distribuídos para o varejo do mercado interno e externo.